

BORGES TRADUZIDO: ESTRATÉGIA TRADUTÓRIA NO CONTO “EL INMORTAL” EM “EL ALEPH”

Claudio Luiz Oliveira¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo fazer uma crítica à tradução do conto “El Inmortal”, presente no livro “El Aleph”, do escritor argentino Jorge Luis Borges, feita pelo escritor catarinense Flávio José Cardoso. Baseamo-nos em uma entrevista do próprio tradutor concedida a pesquisadoras da Universidade Federal de Santa Catarina para pautar a crítica com base no que ele descreve como sendo “desafiador” traduzir Borges, preferindo manter uma linha teórica da tradução arrolado na teoria literal da tradução e/ou palavra-por-palavra, que tem como principais defensores Aubert (1987) e Newmark (1988). Por meio desta pesquisa percebemos que traduzir um escritor tão renomado se torna um desafio ainda maior, levando o tradutor a optar por uma estratégia tradutória o mais próxima do texto original, com receio de cometer a tão discutida “infidelidade” na tradução.

Palavras-chave: Tradução literária. Jorge Luis Borges. El inmortal. Flávio José Cardoso. Tradução literal.

BORGES TRANSLATED: TRANSLATION STRATEGY IN THE TALE "EL IMMORTAL" IN "EL ALEPH"

Abstract: This work aims to critique the translation of the tale "El Immortal", present in the book "El Aleph", written by the Argentine writer Jorge Luis Borges, done by the writer Flávio José Cardoso. We are based on an interview of the translator himself to researchers of the Federal University of Santa Catarina to guide criticism based on what he describes as being "challenging" to translate Borges, preferring to maintain a theoretical line of translation listed in the literal theory of translation and / or word-for-word, whose main advocates are Aubert (1987) and Newmark (1988). Through this research we realize that translating such a renowned writer becomes even more challenging, leading the translator to opt for a translation strategy that is closest to the original text, for fear of committing the much discussed "infidelity" in the translation.

Keywords: Literary translation. Jorge Luis Borges. El inmortal. Flávio José Cardoso. Literal translation.

BORGES TRADUCIDO: ESTRATEGIA TRADUCTORIA EN EL CUENTO “EL INMORTAL” EN “EL ALEPH”

Resumen: Este trabajo tiene por objetivo hacer una crítica a la traducción del cuento “El Inmortal”, presente en el libro “El Aleph” del escritor argentino Jorge Luis Borges, hecha por el escritor de Santa Catarina Flávio José Cardoso. Nos basamos en una entrevista del propio traductor concedida a investigadoras de la Universidade Federal de Santa Catarina para embasar la crítica en lo que él describe como siendo algo “desafiador” traducir a Borges, preferiendo mantener una línea teórica de la traducción pautada en la teoría literal de la traducción y/o palabra-por-palabra, la cual tiene por principales

¹ Professor Assistente da Universidade Federal do Acre, Centro de Educação e Letras. Cruzeiro do Sul. Doutorando em Estudos da Tradução (UFSC). E-mail: claudio.oliveira@ufac.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-9074-8447>

defensores Aubert (1987) y Newmark (1988). Por medio de esta investigación percibimos que traducir un escritor tan renomado se hace un desafío más grande, llevando el traductor por elegir por una estrategia traductoria más cercana del texto original, porque tiene miedo de hacer la tan discutida “infidelidad” en la traducción.

Palabras Clave: Traducción literaria. Jorge Luis Borges. El Inmortal. Flávio José Cardoso. Traducción literal.

Introdução

“*El Aleph*” é uma grande obra do escritor argentino Jorge Luis Borges publicada em 1949. É um livro que possui vários contos escritos pelo autor e que marcam sua característica de escrita, o consagrando como um representante da literatura fantástica. A obra possui 17 contos, dentre eles um com o mesmo título do livro.

Para que o nome de Borges fosse conhecido no Brasil, a editora Globo lança o livro traduzido como “O Aleph” na coleção Biblioteca Borges. As histórias que compõem o livro apresentam temáticas como credos, tempo, eternidade, identidade, mortalidade, entre outros assuntos que mesclam o real com o imaginário, característica marcante de Borges.

A tradução feita ao português brasileiro e publicada pela Editora Globo é de Flavio José Cardozo, um conhecido escritor Catarinense nascido em Lauro Müller (SC) e graduado em jornalismo pela PUC-RS. Foi diretor da Imprensa Oficial de Santa Catarina e da Fundação Catarinense de Literatura. Possui uma cadeira na Academia Catarinense de Letras e publicou diversas obras.

Baseamo-nos em uma entrevista concedida a pesquisadoras da Universidade Federal de Santa Catarina em que o tradutor discorre sobre sua escolha tradutória para tornar público um autor internacionalmente conhecido como Borges. A entrevista serviu de base para a escolha do referencial teórico adotado, demonstrando o receio do tradutor em fazer escolhas que modificassem demasiado o texto de partida e se perdesse a essência borgeana, o que nos levou a usar durante as análises tradutórias referenciais teóricos como Aubert (1987) e Newmark (1988), defensores da teoria tradutória literal .

Borges e o Aleph

Nascido em 24 de agosto de 1899 na cidade de Buenos Aires, Jorge Francisco Isidoro Luis Borges se tornou um dos maiores escritores de sua época. Aficionado pela leitura desde muito cedo, teve facilidade em ler obras da literatura inglesa devido à avó paterna pertencer a essa nacionalidade, recebendo uma alfabetização bilíngue (inglês e espanhol). Em sua obra “Autobiografia” Borges assinala que na casa dele se falava indistintamente os dois idiomas. Para ele “se tivesse que indicar o evento principal de minha vida, diria que é a biblioteca de meu pai” (BORGES, 2009, p. 16).

Borges inicia seus escritos desde muito cedo (aproximadamente aos seis anos de idade). Tentava imitar grandes clássicos da literatura aos quais tinha lido, como Cervantes. Segundo o autor

Escrevi num inglês muito ruim uma espécie de manual da mitologia grega, sem dúvida plagiado de Lemprière. Essa pode ter sido minha primeira incursão literária. Meu primeiro conto foi uma história bastante absurda ao estilo de Cervantes, uma narrativa anacrônica chamada “La visera fatal”[...] (BORGES, 2009, p. 19)

O que Borges não sabia era que essa característica de escrita o consagraria posteriormente como um grande escritor. Devido a problemas familiares (como a doença nos olhos de seu pai que alguns anos depois o afetaria também, deixando-o cego) a família Borges viaja para a Europa, onde Jorge receberia mais influências literárias que o amadureceria. No tempo em que passou longe das terras argentinas (de 1914 a 1921) o jovem escritor manteve contato com a vanguarda espanhola e, conseqüentemente, com o escritor Rafael Cansinos-Asséns, que era um dos chefes do grupo ultraísta². Pode-se dizer que este foi o primeiro grande contato de Borges com o universo literário em que começou a participar, efetivamente.

Para Silva (2007, p.52)

A experiência deste movimento (ultraísmo) para o escritor, que pode ser caracterizado como uma particular versão espanhola das tendências vanguardistas europeias como o futurismo, cubismo, expressionismo, surrealismo entre outros, foi capital quando da chegada de Borges em solo argentino e sua conseqüente intervenção de vanguarda sendo vista por críticos

² Corrente literária oposicionista ao modernismo, que dominou a poesia de língua espanhola do final do século XIX.

e estudiosos como uma das mais importantes nas letras do país naquele momento. Conquanto tais assertivas sejam de difícil comprovação, a verdade é que em contato com essa vanguarda espanhola se gestaram as primeiras reflexões e experiências poéticas de Borges, publicadas em algumas revistas ultraístas madrilenas. Essas práticas cobriam um longo raio cuja circunferência abarcava desde publicações de poesias de teor ultraísta, textos críticos e programáticos até discussões e traduções de poetas expressionistas alemães, conforme assegura Emir Monegal.

Ao regressar para Buenos Aires Borges se depara com uma nova realidade. Uma cidade efervescida e com um elevado aumento populacional, “uma cidade muito grande e extensa, quase infinita, povoada de prédios baixos com terraços e que se estendia a oeste na direção do que os geógrafos e literatos chamam de pampa”. (BORGES, 2009, p.37). Toda essa mudança inspira Borges a escrever seu primeiro livro de poemas (Fervor de Buenos Aires).

Com o passar dos anos Borges escreveu e publicou outros poemas, mas o que realmente o deixou famoso foi seu primeiro livro de contos, “*El Aleph*”, publicado em 1949. Este livro reúne pequenos contos escritos pelo autor e que marcam a característica da escrita borgeana, tão estudada e difundida nas academias nos dias atuais e que ainda provoca temeridade nas interpretações das histórias ali discorridas.

A escrita de Borges para alguns é deveras complexa, o que faz com que leitores iniciantes tenham que reler várias vezes a mesma obra para que possa compreender ou até mesmo consultar outras fontes para esclarecer a linguagem borgeana. Alguns estudiosos a definem sendo como de uma intelectualidade extrema.

Em “*El Aleph*” Borges mescla em seus contos a realidade com o imaginário, o que faz muitas vezes com que o leitor tenha que retomar a leitura para que não se confunda, pois o autor escreve com tanta naturalidade que o irreal pode passar facilmente a ser algo real. Podemos dizer que a escrita literária borgeana desafia o leitor, obrigando-o a aceitar o desafio constante de tentar compreendê-la, pois aborda temas complexos como a imortalidade e consequentemente o tempo (esta temática é claramente perceptível no primeiro conto do livro, “*El inmortal*”, foco da análise tradutória deste trabalho). Para Cavalheiro e Fonseca (2011, p.155) “é notório que alguns elementos sejam recorrentes na literatura borgeana, tais como labirintos, bibliotecas e, sobretudo, espelhos, duplicadores e, duplicados frente a frente, multiplicadores”. Ainda nesse sentido, Sarlo (2001, p.8) corrobora com a complexidade da literatura de borges:

En el laberinto mayor hay un espacio que también se llama laberinto, cumpliendo así con el requisito borgeano de la puesta en abismo: figuras dentro de figuras. Duplicaciones, fotografías, traducciones, manuscritos y obras impresas, cuadros, espejos, réplicas, superficies pulidas, hacen su papel de dobles. Los relojes de bolsillo acumulados sin orden en una vitrina, el reloj de arena en otra, muestran un tiempo detenido, circular y periódico como el que Borges conjeturó en relatos y poemas.³

Sendo assim, podemos afirmar que ler Borges requer toda atenção possível e se necessário reler quantas vezes necessário for para que a leitura se aprofunde. A cada releitura será uma experiência diferente.

Ainda na discussão sobre a obra “*El Aleph*”, Micali (2013, p. 1-2) discorre:

É uma narrativa ficcional construída numa linguagem irônica, crítica, e por vezes paradoxal, se considerarmos as estrofes líricas inseridas no texto de autoria do narrador-protagonista e do antagonista – se é que se pode chamá-lo assim –, o personagem Carlos Argentino Daneri, alguém que se autoconclama um poeta invulgar. Talvez seja o conto que melhor represente o pensamento de Borges em relação ao fazer literário, à construção da ficcionalidade propriamente dita, no sentido de que os autores devem juntar no mesmo texto verso e narrativa [...] Embora se trate de um conto realista, talvez o mais conhecido da ficção de Borges, nele se admite a existência de uma pequena esfera refletora: o aleph – objeto fantástico que reflete como espelho tudo o que existe no universo. Sendo um fenômeno de existência duvidosa no mundo diegético, a aparição do aleph contém em si algo de irônico, considerando, como diz Brait (1996), que a ambiguidade é característica da ironia.

Percebemos então a complexidade literária borgeana e como se tecem seus contos entremeados de narrativas que mesclam mensagens de duplicidade, real e imaginário, ironia, crítica, paradoxo e misticidade.

A voz do tradutor

Nascido no ano de 1938 na cidade de Lauro Müller (SC), Flávio José Cardozo foi responsável durante muitos anos pela coluna de crônica no jornal Diário Catarinense. Segundo Aseff e Cesco (2005) o escritor frequentou o curso de jornalismo na PUC-RS e trabalhou no grupo editorial da Editora Globo de Porto Alegre. Além disso, foi diretor da Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina e da Fundação Catarinense de Cultura.

³ No labirinto maior há um espaço que também se chama labirinto, cumprindo assim com o requisito borgeano de abismo: figuras dentro de figuras. Duplicações, fotografias, traduções, manuscritos e obras impressas, quadros, espelhos, réplicas, superfícies polidas, fazem seus papéis de duplo. Os relógios de bolso acumulados sem ordem em uma vitrine, o relógio de areia em outra, mostram um tempo detido, circular e periódico como o que Borges conjeturou em relatos e poemas. (tradução nossa)

Produziu e publicou livros e contos os quais o definiram como escritor de literatura infantil.

Como tradutor, ele teve experiência traduzindo a obra de Borges, “*El Aleph*”. Foi na década de 60 que Flávio José Cardozo e a jornalista Cremilda de Araújo Medina resolvem sugerir à Editora Globo de Porto Alegre a publicação das obras de Borges. Após a insistência culminando com a persuasão da direção, conseguem, enfim, a compra dos direitos autorais de duas obras do autor (*Ficciones* e *El Aleph*).

Em entrevista a pesquisadoras da Universidade Federal de Santa Catarina, Flávio admite sua “relação um tanto dolorosa com o ato de traduzir” (ASEFF e CESCO, 2005, p. 189). O escritor/tradutor afirma que foi em 1969 que se deu essa empreitada e que ao entrar em contato com a obra borgeana ficou maravilhado, reconhecendo o brilhantismo literário de Borges e admitindo que a obra dele fora de grande impacto para o período.

No entanto, a primeira tradução de Borges no Brasil foi feita por Carlos Nejar, grande escritor porto-alegrense, tradutor e crítico literário brasileiro, autor de várias poesias e romances. Percebemos então uma característica da Editora Globo em contratar escritores (e não necessariamente profissionais da área da tradução) para que façam traduções de grandes autores literários, como Jorge Luis Borges.

Em relação a sua experiência como tradutor, Flávio José Cardoso admite que

Essa aventura de traduzir é uma experiência que, para ser honesto, eu não repetiria com muito prazer. É o receio da traição. O receio das inconveniências, até por excesso de zelo, de respeito pelo autor traduzido. No caso de Borges, especialmente, que tem todo aquele universo que conhecemos... Há armadilhas nesse processo de traduzi-lo. Do ponto de vista formal, ele não é um tipo rigoroso, tem uma linguagem muitas vezes bem simples, despreocupada. A gente pode ser tentado a querer, entre aspas, “melhorar” o Borges. Imagine... (ASEFF e CESCO, 2005, p. 191)

Reconhecemos que essa é uma preocupação que muitos tradutores enfrentam na sua trajetória de experiências tradutórias. O receio de “exagerar” na tradução, reorganizando o texto original tornando-se “infel” ao texto de partida faz com que muitos profissionais da área sintam receio ao traduzir obras de grande repercussão como as de Borges. No entanto, podemos dizer que os tradutores não podem deixar de realizar interferências no texto de partida quando necessárias para adequá-lo a língua de chegada, permitindo realizar uma tradução transparente, “que não esconde o original, não lhe tapa a luz, mas permite que a língua pura, como que reforçada pelo seu próprio meio de

expressão, incida de forma ainda mais plena sobre o original” (BENJAMIN, 2008, p.94).

Nesse sentido

A tradução não é um duplê do texto original; não é e nem deve querer ser a obra mesma com léxico distinto. Eu diria: a tradução nem sequer pertence ao mesmo gênero literário que o texto de partida. Conviria insistir nisto e afirmar que a tradução, é um gênero literário a parte, distinto dos demais, com suas normas e finalidades próprias. Pela simples razão de a tradução não ser a obra, mas um caminho para a obra. (ORTEGA Y GASSET, 2013, p.40)

Referindo-se a tradução em si da obra “*El Aleph*”, Flávio José Cardoso ressalta que ficou temeroso pela proximidade da língua portuguesa com a espanhola, o que poderia ser determinante na falha se caísse em uma das “armadilhas da tradução”. Fala ainda que tentou ficar o mais próximo possível do texto original. Pela dificuldade de se compreender Borges que muitas vezes mesclava o real com o imaginário, o tradutor confessa que muitas vezes teve que consultar enciclopédias para verificar a veracidade dos fatos ali descritos, principalmente os que tangem as referências, os personagens descritos na literatura borgeana como sendo reais e que por vezes nunca existiram (vale ressaltar que o tradutor usa o termo “enciclopédia” devido a tradução ter sido feita em uma época em que não se existia ainda o acesso a internet para facilitar o trabalho de pesquisa, como temos a nossa disposição nos dias atuais).

Ao ser questionado sobre outros trabalhos de tradução, Flávio José Cardoso afirma que não traduziu mais nenhum autor posteriormente, que essa foi como uma aventura, como discorre

Na verdade, minha experiência de tradutor foi, digamos, uma experiência doméstica. Eu era da Globo. Foi meio na base da aventura. Nunca me propus a fazer carreira de tradutor. Mas foi uma experiência muito interessante, embora tão perigosa. Borges falava dos questionamentos que se faz à tradução e a defendia como um gênero perfeitamente lícito, respeitável. Em resposta aos que negam o valor da tradução, ironizava, mais ou menos assim: “Todo mundo concorda que a literatura russa é magnífica, mas pouquíssimos lêem a literatura russa no original. Como que a consideram magnífica se só a conhecem traduzida? Todos concordam que na Bíblia há momentos de alta poesia, mas poucos sabem aramaico, hebraico, grego. É um sinal de que confiam nas traduções”. (ASEFF e CESCO, 2005, p. 192)

É nítido pela fala do tradutor que apesar de não ser reconhecida, a tradução é indispensável. Muitas pessoas afirmam que leram uma obra sem nunca se quer ter contato com ela, somente com a tradução. Nesse caso nunca leram a obra em si, mas sim uma

tradução da mesma, caracterizando a importância das traduções. Fica claro também pelas declarações dadas que o tradutor manteve o máximo de discrição tradutória, interferindo o mínimo possível no texto de partida, somente quando estritamente necessário.

Análise das escolhas tradutórias: A tradução literal em “*El Inmortal*”

O conto “*El Inmortal*” é o primeiro do livro “*El Aleph*”. Narra a história do personagem (que no enredo dá a entender que é o próprio escritor o protagonista, portanto seria Borges o personagem principal). Logo no início do texto Borges confunde o leitor informando que os seis volumes em quarto-menor da *Iliáda* de Pope (escrita por Homero) oferecidos a princesa de Lucinge era originalmente escrito em inglês mas que abundava em latinismos.

O conto relata a saga do personagem em busca da imortalidade (uma das características da literatura borgeana) e posteriormente a busca para se tornar imortal novamente. É dividido em três partes principais, sendo que na primeira situa o leitor de que a trama se dará baseada no manuscrito que foi achado no último tomo de *Iliáda*. Já a segunda parte é toda a narrativa de como se dá a história escrita no manuscrito e a terceira parte é uma reflexão de tudo o que foi dito durante o enredo narrado.

Traremos aqui alguns trechos da tradução deste conto feita por Flávio José Cardozo com comentários que julgamos pertinentes. Vale ressaltar que, como já dito anteriormente, a preferência do tradutor foi em manter o texto o mais próximo possível do original, fazendo intervenções somente quando estritamente necessárias. O que faremos aqui é apontar algumas dessas escolhas e refletirmos o porquê delas. Na primeira coluna das tabelas com os trechos analisados colocamos o texto original e na segunda a sua respectiva tradução.

Era, nos dice, un hombre consumido y terroso, de ojos grises y barba gris, de rasgos singularmente vagos. (p. 533)	Era, diz-nos, um homem muito magro e terroso, de olhos apagados e barba cinzenta, de traços singularmente vagos.
--	--

Conseguimos perceber neste trecho que o tradutor resolve traduzir “ojos grises y barba gris” como “olhos apagados e barba cinzenta”, ao invés de manter o original “cinza” (gris) como no texto. Talvez quis evitar a repetição de termos, muito comum na língua portuguesa.

Mis trabajos empezaron, he referido, en un jardín de Tebas. (p. 533)	Meus trabalhos, como disse, começaram em um jardim de Tebas.
--	--

Verifica-se aqui que houve uma inversão entre os elementos da oração. O verbo “empezaron” que estava junto ao sujeito (mis trabajos) passa, na tradução, a ser separado por meio da locução verbal “como disse”, expressão usada para explicar um elemento já dito anteriormente.

Con una tenue voz insaciable me preguntó en latín el nombre del río que bañaba los muros de la ciudad. Le respondí que era el Egipto, que alimentan las lluvias. (p. 534)	Com tênue voz insaciável, perguntou-me em latim o nome do rio que banhava os muros da cidade. Respondi-lhe que era o Egito, que as chuvas alimentam.
---	--

Ao ler o trecho em espanhol, dá-se a entender que quando o personagem responde o nome do rio que banhava os muros da cidade ele diz que era o Egito, que alimenta as chuvas. Ou seja, neste caso o rio tinha a capacidade de alimentar as chuvas, o que é confuso se analisarmos concretamente, mas não seria de todo um absurdo se considerarmos que estamos falando de Borges. No entanto, o tradutor refaz este trecho no texto de chegada deixando mais claro esta oração, reescrevendo de forma que deixe claro que são as chuvas que alimentam o rio.

Agregó que en la margen ulterior se eleva la Ciudad de los Inmortales, rica en baluartes y anfiteatros y templos. (p. 534)	Acrescentou que na margem ulterior se ergue a Cidade dos Imortais, rica em baluartes e anfiteatros e templos.
--	---

Cabe um questionamento ao ler este trecho. Por que o tradutor resolve repetir a conjunção aditiva “e”, assim como no texto original? Seguindo o raciocínio de que Flávio José Cardozo segue uma teoria de tradução literal, talvez ele tenha percebido uma determinada intencionalidade do autor do texto original e quisesse mantê-la. Para Newmark (1988, p.68-69) “My thesis, however, is that literal translation is correct and must not be avoided, if it secures referential and pragmatic equivalence to the original.”⁴ Nesse caso, podemos inferir que as escolhas feitas pelo tradutor foram nesse sentido, de manter a equivalência entre os idiomas. Vale ressaltar que quando falamos em

⁴ Minha tese, no entanto, é que a tradução literal é correta e não deve ser evitada, uma vez que assegure a equivalência referencial e pragmática em relação ao original. (tradução nossa)

equivalência partimos para outro campo de discussão que não cabe nos aprofundarmos agora, pois não é o objetivo deste trabalho, mas apenas uma associação entre a estratégia do tradutor e a teoria tradutória seguida por ele.

Interrogados por el verdugo, algunos prisioneros mauritanos confirmaron la relación del viajero. (p. 534)	Interrogados pelo verdugo, alguns prisioneiros mauritanos confirmaram a informação do viajante.
---	---

Os mais jovens de idade com certeza terão dificuldade ao interpretar este trecho quando se depararem com a palavra “verdugo”. A expressão significa “capataz”, “carrasco”, mas em português mais antigo também se usava “verdugo”. Devido a tradução ter sido feita no final da década de 60 podemos inferir que essa era a forma mais comum de se escrever, por essa razão o tradutor não a modificou, deixando o texto de chegada com uma determinada marca linguística temporal.

<ul style="list-style-type: none"> - Antes que ningún otro rasgo de ese monumento increíble, me suspendió lo antiquísimo de su fábrica. (p. 537) - Este palacio es fábrica de los dioses, pensé primeiramente. (p. 537) - Erigieron la fábrica, la olvidaron y fueron a morar en las cuevas. (p. 540) 	<ul style="list-style-type: none"> - Mais que qualquer outro traço desse monumento inacreditável, causou-me admiração o antiquíssimo de sua construção. - “Este palácio é obra dos deuses”, pensei primeiramente. - Erigiram a obra, esqueceram-na e foram morar nas covas.
---	---

Verificamos também que o tradutor escolhe termos diferentes para uma mesma palavra, dependendo do contexto de uso. Neste caso, a palavra “fábrica” em espanhol, ao ser vertida para o português assumiu duas nomenclaturas distintas, mesmo se encontrando em pontos distintos do texto, o que não caracterizaria como repetição.

sobre la roja arena y la negra piedra yo lo oía acercarse. (p. 539)	sobre a vermelha areia e a negra pedra eu o ouvia aproximar-se.
---	---

Qual a intencionalidade do tradutor em manter os adjetivos antes dos substantivos? Borges foi muito influenciado pela escrita da língua inglesa (que usa os adjetivos pospostos ao substantivo) devido a sua formação bilíngue. O que pode intrigar os leitores da tradução ao se depararem com este trecho é qual a intencionalidade em

manter dessa forma. Sabemos que na língua portuguesa a alteração do adjetivo (anteposto ou posposto ao substantivo) altera o seu significado ou em alguns casos é apenas para enfatizar o que o autor quis dizer.

- En el séptimo siglo de la Hégira, en el arrabal de Bulaq [...] (p. 542)	- No sétimo século da Hégira, no arrabalde de Bulaq [...]
- [...] tuvo que fondear en um puerto de la costa eritreá. (p. 542)	- [...]teve que fundear em um porto da costa eritréia.

Em se tratando das escolhas lexicais, manteve-se a maioria das palavras de pouco uso, classificadas como “cultas”, como por exemplo “arrabalde”, “fundear”, entre outras presentes na escrita textual. Reafirma-se a escolha do tradutor em manter, de fato, a literatura borgeana sem alterações muito visíveis no texto de chegada. Por outro lado, algumas mudanças, mesmo que quase imperceptíveis foram feitas, como a reorganização com supressão de expressões como na frase “...He revisado, al cabo de un año, estas páginas.” (esp.) “Revisei estas páginas, passado um ano”. (por.)

Estas foram as observações que cremos mais pertinentes durante nossa análise da tradução. Compreendemos a escolha do tradutor é imprescindível para que o leitor consiga se situar no enredo, mas que muitas vezes isso se torna um desafio mediante a forma de escrita de grandes literatos, como Jorge Luis Borges, o que torna o trabalho do tradutor muito mais difícil. Ao optar pela tradução literal, Flávio José Cardozo assume uma postura mais “neutra”, permanecendo em uma zona de conforto adequada a sua intencionalidade. Para Newmark (1988, p. 70)

Acredito que a tradução literal seja o procedimento básico de tradução, tanto em tradução comunicativa quanto semântica, em que a tradução começa a partir daí. Contudo, acima do nível da palavra, a tradução literal torna-se cada vez mais difícil. Quando há qualquer tipo de problema de tradução, a tradução literal está normalmente (nem sempre) fora de questão. É o que se está tentando fugir, mas às vezes se volta para ele com um suspiro; em parte porque se acostumou ao som do que a princípio parecia tão estranho e antinatural.

Nesse sentido, o teórico acredita que a tradução literal seja a melhor forma de aproximar os idiomas, mantendo a relação entre eles, de forma que a intencionalidade do texto de partida não se perca durante a tradução.

No entanto, Aubert (1987, p. 13) chama a atenção para este tipo de tradução em se tratando de pesquisadores e teóricos da área:

De fato, a recomendação por assim dizer unânime de pesquisadores, professores e praticantes da tradução que a tradução literal constitui algo a ser evitado. Os estudiosos insistem neste ponto com base na análise científica das línguas, pela qual se comprova, a despeito dos graus variáveis de proximidade e distância tipológica e cultural, a inexistência de estruturas linguísticas (léxico-semânticas, sintáticas e grafo-fonológicas) idênticas entre elas.

O teórico ainda enfatiza que os ditos “universais linguísticos” são “raros e fortuitos”, o que faz com que a tradução literal seja um perigo e muitas vezes leva a tradução para um lado que não deveria ir. No entanto defende esta linha teórica se levar em consideração que entende-se por tradução literal aquele tipo em que se aproxima do texto original mas que se pode fazer alterações de nível morfossintático e adequando o estilo às normas da língua de chegada.

Conclusão

Por meio da entrevista dada pelo tradutor e as análises críticas feitas durante a elaboração deste trabalho concluímos que a tradução do conto “*El Inmortal*” para o português brasileiro seguiu a teoria da tradução literal, fato com que permitiu que o trabalho de verter o texto ao português ficasse mais confortável, fugindo da chamada “infidelidade” tradutória.

Isso nos faz refletir em como as estratégias de tradução são importantes para o profissional que se embrenha nessa tarefa que muitas vezes se torna desafiadora, ainda mais quando tratamos de tradução literária, em que se é necessário um cuidado maior exigindo do tradutor uma grande bagagem de experiência literária. Por essa razão inferimos que muitas vezes as grandes editoras, como a Globo, prefira que as suas traduções sejam feitas por escritores, pois acredita-se que eles tenham a essência literária engendradas em sua prática de escrita e isso ajuda no ato tradutório de textos de cunho literário, principalmente aqueles que envolvem poemas.

Referências Bibliográficas

ASEFF, Marlova Gonsales; CESCO, Andréa. **Entrevista com Flávio José Cardozo**. Revista Fragmentos, n. 28/29, p. 189-194, Florianópolis, jan. – dez. 2005. Disponível em:

< <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/8139>> Acesso em: 24 jan. 2019.

AUBERT, F. (1987). A tradução literal: impossibilidade, inadequação ou meta? In: Costa, W. C. (org.) **Translation/tradução**. Ilha do Desterro, 17, Florianópolis: Editora da UFSC.

BORGES, Jorge Luis. **Ensaio autobiográfico**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

BORGES, Jorge Luis. El Inmortal. In: (BORGES, Jorge Luis). **Obras Completas**. Buenos Aires: Emecé Editores, 1974.

BORGES, Jorge Luis. O Imortal. In: (BORGES, Jorge Luis). **O Aleph**. São Paulo: Editora Globo, 1999.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. In: BRANCO, L. C. (Org.). **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin**: quatro traduções para o português. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CAVALHEIRO, Juciane; FONSECA, Rosa Maria Tavares. **O duplo em Borges**: Análise dos contos “O Outro”, “O Sul”, “O inverossímil impostor Tom Castro” e “O morto”. Anuário de Literatura, vol. 16, n. 1, p. 154-170, 2011.

MICALI, Danilo Luis Carlos. **O traço irônico do lirismo em Borges em O Aleph e a ironia existencial de Quiroga em A galinha degolada**. Anais do SILEL, vol. 3, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

NEWMARK, P. **A textbook of translation**. London: Prentice Hall, 1988.

ORTEGA Y GASSET, J. **Miséria e esplendor da tradução**. Tradução de Mauri Furlan e Mara Gonzalez Bezerra. Scientia Traductionis, Florianópolis, n. 13, p. 5-50, 2013. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/30232/25187>> Acesso em: 24 jan. 2019.

SARLO, Beatriz. **Borges, un escritor en las orillas**. <http://lproweb.procempa.com.br> (ebook), 2010.

SILVA, Alessandro Ventura da. **A cidade como personagem** : um estudo sobre passado e vanguarda na Buenos Aires do escritor Jorge Luis Borges. Dissertação (Mestrado em História)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Submetido em setembro de 2019.
Aprovado em novembro de 2019.